

Roberto Garcia Simões

É professor da Ufes e especialista em políticas públicas
E-mail: robertog@npd.ufes.br

▲ Persiste no governo Casagrande o desequilibrado padrão de investimentos do governo Paulo Hartung. Há um desbalanceamento

AJ14654

Governo de estradas

Enquanto as políticas sociais andam vagarosamente no ES, as estradas estaduais continuam aceleradas. Para mais 220 km, aprovou-se o BID III: R\$ 470 milhões, com contrapartida estadual de R\$ 140 milhões. Também na proposta do orçamento estadual para 2012, dos R\$ 750 milhões de investimentos com recursos próprios, R\$ 250 milhões são para infraestrutura – grande parte para estradas.

Persiste no governo Casagrande o desequilibrado padrão de investimentos do governo PH. Como diz o economista Eduardo Giannetti, “embora o Brasil tenha problemas sérios de capital físico, o grande desafio secular sempre foi a sua incapacidade de formar capital humano. Há um desbalanceamento”.

E para desenvolver? O governo Casagrande investirá R\$ 240 milhões: a) Saúde – R\$ 100 milhões, Educação – R\$ 90 milhões e Segurança – R\$ 50 milhões. O total equivale ao das estradas; só para as “emendas individuais” dos deputados são R\$ 30 milhões. Mesmo uma visão ampliada dos projetos sociais não muda esse quadro. A distribuição entre o social e a infraestrutura destoia dos desafios que aniquilam agora o

futuro do ES: 1,9 mil homicídios anuais – a maioria de jovens, as renitentes notas vermelhas no ensino médio, sem falar da longa fila para a saúde – que também compromete a vida.

Se não bastasse, há mais desequilíbrios. Na “situação da dívida pública”, para o social não se encontram financiamentos internacionais – geralmente menos onerosos. O que se destaca? Os “programas rodoviários”. Para pagar dívidas e encargos das estradas – BID II e o recente BID III – constam R\$ 22 milhões para 2012, quase metade do que será investido em segurança. A prioridade das estradas de hoje tem presença garantida em orçamentos futuros – tolhendo as necessárias mudanças.

Já na dívida interna, nota-se outra inversão histórica deletéria. Com uma dívida de R\$ 246 milhões, a Fundação Banes de Seguridade Social tem o maior custo (principal e encargos) em 2012: mais de R\$ 40 milhões – metade do investimento em educação, enquanto o custo do financiamento BNDES para a saúde é de R\$ 17 milhões.

Concluídas as obras do Cais das Artes, quanto custará equipá-lo? Encontrei muito pouco. Por que o orçamento da Secretaria de Transparência foi reduzido? O “portal” opaco vai continuar? É preciso inovar no orçamento visando ao diálogo com o cidadão e a avaliação da sua execução.

O debate na sociedade, e quem sabe na Assembleia, precisa comparar as reais prioridades e valorizar o humano em relação às estradas.